

Credor afasta possibilidade de acordo para dívida esta semana

JORNAL DO BRASIL

29 JAN 1988

Arquivo — 9/6/87

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — “Não há novidades, o clima das discussões está bom, as coisas estão avançando mas seria um excesso de otimismo esperar um acordo para esta semana”, disse um banqueiro diante das notícias vindas de Brasília da iminência de um acordo nas negociações da dívida externa.

O chefe da equipe brasileira, Fernando Milliet, usou quase as mesmas palavras para caracterizar a situação, adiantando que ainda serão necessárias algumas semanas de discussão para concluir um acordo. Ele informou que, em meados da próxima semana, voltaria ao Brasil para novas consultas com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

Participantes da renegociação disseram que as discussões em andamento ainda estão concentradas numa fórmula que viabilize a retomada dos pagamentos dos juros da dívida de médio e longo prazos e, portanto, a normalização das relações ainda estremecidas do Brasil com a comunidade financeira internacional.

Há quatro propostas sobre a mesa, mas apenas uma — a de um empréstimo-ponte a ser concedido pelos governos credores — foi descartada. As outras são: depósito em uma conta em caução; um acordo provisório semelhante ao obtido em fins de outubro passado; e aceleração do acordo a médio prazo do qual o acordo provisório seria uma disposição transitória.

“Mas ainda há muitas pontas a amarrar. Seria surpreendente conseguir uma solução para todos os pro-



Milliet: Ida ao FMI só depois de firmado o acordo

blemas pendentes em poucos dias”, disse um banqueiro que participa das negociações.

Os mais claramente empenhados numa solução a curto prazo são os grandes bancos americanos, pelo simples fato de que são os maiores credores do Brasil. “Quanto mais durar essa segunda moratória, pior fica a situação deles”, explicou uma fonte familiarizada com as diversas correntes dentro do comitê de 14 bancos que coordena todos os credores privados do país. Tanto bancos europeus quanto japoneses e até os bancos médios americanos resistem a fórmulas que os forcem a desembolsar mais dinheiro para o Brasil. A

maior parte aumentou suas reservas para enfrentar prejuízos decorrentes de moratória brasileira e, por causa disso, está em melhores condições de insistir em um pagamento imediato dos juros vencidos em janeiro.

No mínimo esse grupo de bancos quer ver sinais mais concretos de equilíbrio das contas brasileiras, antes de dar novos empréstimos ao país. Nas sessões de negociação, o presidente do Banco Central repete frequentemente que o governo está se esforçando para cortar despesas. Só depois disso, afirma Milliet, o Brasil buscará um acordo com o FMI.